UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
BACHARELADO EM TEATRO

JOSÉ RIBEIRO DE MENDONÇA NETO

EU “NU” TEATRO: CARTAS SOBRE REINSERÇÃO SOCIAL PELO TEATRO PÓS LESÃO CEREBRAL

João Pessoa/PB
2019

JOSÉ RIBEIRO DE MENDONÇA NETO

EU “NU” TEATRO: CARTAS SOBRE REINSERÇÃO SOCIAL PELO TEATRO PÓS LESÃO CEREBRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Bacharelado em Teatro como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Orientadora: Prof. Me. Juliana Costa Ribeiro.

João Pessoa/PB

2019

JOSÉ RIBEIRO DE MENDONÇA NETO

EU “NU” TEATRO: CARTAS SOBRE REINSERÇÃO SOCIAL PELO TEATRO PÓS LESÃO CEREBRAL

João Pessoa, ____ de _____ de 2019

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Me. Juliana Costa Ribeiro
(Orientadora)

_____

Prof. Me. Everaldo Vasconcelos

_____

Prof.ª Me. Cândice Didonet

_____

Prof.ª Me. Bárbara Conceição Santos da Silva

Aos meus pais e à memória de minha avó paterna
Maria Madalena Fragoso Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

A minha amada mãe, Maria do Socorro Farias Ribeiro Fragoso, por todas as vezes que ofertou a sua vida para que a minha continuasse, por ser meu alicerce para a edificação de minhas vidas e desta monografia.

Ao meu grande pai, Joseph Carden Ribeiro Fragoso, pelas minhas duas criações de vida, pela dignidade de homem de coragem, de força e fé que o senhor é e me transforma todos os dias.

A minha avó materna, Geneide Toscano de Brito, que no auge de seus 86 anos, exala um amor e uma fé em Deus digna das grandes mulheres lutadoras e honradas.

A memória de minha avó paterna, Maria Madalena Fragoso Ribeiro, que foi assistente social, pelo seu amor incondicional, por sempre ter acreditado cegamente em mim, pela descoberta da internet, pela parceria no curso de informática, por aceitar a minha verdade, pelo deleite em vê-la viajar pelo mundo através da informática e por sempre lembrar-me que “o homem pode perder tudo, menos a sua dignidade”.

A minha amiga Mônica Perez Botelho, pela minha antiga e nova vida. Por acreditar e possibilitar que as minhas mais loucas e transcendentes criações artísticas criassem um rumo e se fizessem presentes e vivas. Pelo amor que vi/vejo nascer em cada gesto seu em cada fala. Por me fazer ver a germinação e os frutos da generosidade.

A minha amiga irmã enfermeira e fonoaudióloga, Enolla Mayenne, que esteve presente em meus dias de pós-operatório, em meus primeiros banhos quando saí do hospital e por ser meu confessionário em minha recomposição da vida social.

Ao querido amigo ator Emiliano Queiroz, por dar-me a chance de embarcar em sua *Geny* a quem tanto amo. A este engenheiro da arte que serviu-me do melhor da “Sobremesa da Vida” e que me fez entender que existem inúmeras definições que o exercício teatral nos impõe, mas que eu era um artista e que precisava estar a onde o povo está.

Ao lúdico universo musical do artista Chico Buarque de Holanda, por ofertar toda a sua poesia musical realista, por acelerar o meu embarque na criação poética, por dar e ser sempre voz dos excluídos, por me fazer crer sempre que a arte transcende do eu interior e do imaginário popular.

Ao meu pequeno sobrinho e afilhado, Dyogo dos Santos Fragoso, que em seus sete anos de vida terrena, foi/é testemunha de minhas lutas diárias para concluir a academia e que mesmo ficando muitas vezes privado de minha atenção, nunca desistiu de mim e de embarcar no mundo de minhas brincadeiras e aventuras em nossa imaginação.

Ao meu Deus primeiro e aos deuses das artes que iluminaram minha trajetória de vida através de minhas muitas orações e conversas em meus confessionários pessoais diários. Aos médicos, que estiveram presentes em meu pós-acidente e a tod@s que oraram e acreditaram em minha recuperação.

A todos os artistas que germinaram todas as minhas fantasias e que fizeram do meu “eu” criador, um bálsamo de sonhos e projetos futuros. Aos artistas de meus musicais e de minhas peças de teatro que apostaram e acreditaram em minhas criações

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste presente trabalho final para a conclusão de curso.

RESUMO

O presente trabalho foi estruturado e escrito em formato de cartas, onde relato minha trajetória de vida desde o momento que sofri o meu acidente de moto no ano de 2012 o qual me deixou em estado de coma por 28 dias, meu processo de amnésia pós-traumática, de tratamento para recobrar a memória de toda uma vida através das artes cênicas. Trago um relato da minha entrada na universidade para o Bacharelado em Teatro com a memória ainda afetada em um processo de recomposição psicofísica, as novas relações como as famílias biológica e artística e meu novo conceito de vida a partir de estudos e relações com as artes que o ator, diretor, pedagogo e escritor Russo Constantin Stanislavski através da técnica da memória emotiva e a relação com o campo da neurociência partindo das teorias do neurocientista português Antonio R. Damásio. Por meio destas cartas reflito sobre como o teatro serviu e serve como importante aporte para minha reinserção social.

Palavras-chave: Lesão cerebral; Teatro; Reinserção Social.

ABSTRACT

This paper was structured and written in letter format, where I relate my life history since the moment of my motorcycle accident in 2012 which left me in a state of how for 28 long days, my post amnesia process traumatic treatment to recover the memory of a lifetime through the performing arts. My “unexplainable” university entrance to the Bachelor of Theater with memory still affected in a process of psychophysical recomposition, my new relationships as the biological and artistic families, and my new concept of life from studies and relationships with the arts Russian actor, director, pedagogue and writer Constantin Stanislavski through the technique of emotive memory and the relationship with the field of neuroscience starting from theories of the Portuguese neuroscientist António R. Damásio. Through these letters I reflect on how the theater served and serves as an important contribution to my social reintegration.

Keywords: Brain injury; Theater; Social reinsertion.

SUMÁRIO

1.	**INTRODUÇÃO**	**10**
2.	**CARTA PARA O DR. ANTÔNIO DAMÁSIO**	**13**
3.	**CARTA PARA O PSIQUIATRA**	**21**
4.	**CARTA PARA A MINHA FAMÍLIA**	**30**
5.	**CARTA PARA MINHA FAMÍLIA ARTÍSTICA**	**37**
6.	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**43**
7.	**REFERÊNCIAS**	**45**
	ANEXOS	**46**

1. INTRODUÇÃO

Encontrar um título para sintetizar as diversas pesquisas que fiz para construção deste Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teatro foi um grande desafio. Dentre tantas ideias e propostas chegamos ao “Eu, NU Teatro”, uma espécie de desnudamento do eu interior.

O universo das artes, especificamente a do Teatro, é bastante vasta. Minha formação artística foi construída inicialmente de forma totalmente intuitiva. Os conhecimentos que adquiri ao longo desses anos de estrada teatral, levaram-me por diversos caminhos até chegar à conclusão que a arte não necessita de explicações didáticas tão precisas para se fazer presente. Entre tantas dúvidas que pairavam sobre meu trabalho acadêmico final, como é assim para a maioria dos alunos universitários, percebi que as respostas para minhas indagações seriam o meu próprio caso do acidente de moto e de como o Teatro me reconduziu de volta à vida pessoal e artística.

Esta pesquisa está estruturada em cartas, porque essa foi a maneira mais precisa de expor para o leitor o que havia acontecido comigo neste acidente, as diversas intervenções médicas e de como que o Teatro está ajudando no meu retorno ao mundo social. Os destinatários destas cartas, foram o neurocientista português, Dr. Antônio Damásio, meu médico psiquiatra Dr. Ricardo Henrique, minha família biológica e família artística.

Para António Damásio escrevi a PRIMEIRA CARTA. Tive uma identificação muito forte com o seu livro “O erro de Descartes”. As consequências do acidente que o operário Phineas Cage sofreu me ligou empaticamente aos seus problemas sociais e adequaram-se substancialmente a minha memória cognitiva afetada pelo impacto do meu acidente. Foram muito importantes os estudos do capítulo sete sobre “Emoções e Sentimentos”, quando pude perceber que as emoções e os sentimentos são ações psíquicas. Descobri que a regulação biológica e as seleções de respostas com as quais o organismo vivo não tem consciência ocorrem constantemente em nosso corpo. As suas teorias se integram perfeitamente às minhas novas formas de sentir e ver a vida através da biologia.

A SEGUNDA CARTA destinei ao meu psiquiatra Dr. Ricardo Henrique, que em todas as suas sessões foi extremamente gentil comigo, podia finalmente falar tudo que

desejava sem me preocupar se isso ou aquilo estava atingindo alguém. Ele percebia como a solidão havia se tornado uma grande vilã desse meu percurso e conseguia me acompanhar clinicamente. As consultas eram sempre muito esperadas por mim mas, por ser um hospital público, precisava segurar o que estava sentindo e aguardar até o dia de minha consulta a depender da quantidade de pacientes que estavam na fila de espera. Ele foi bastante importante para minha recuperação. Acompanhou, por meio das consultas, a minha entrada na faculdade e de todo o meu desenvolvimento no teatro, minhas evoluções psicofísicas nas disciplinas de cunho prático e teórico do curso e demais ações psicossomáticas que pude descobrir.

A TERCEIRA CARTA foi destinada à minha família biológica, que bravamente me aturaram/aturam durante todo esse tempo, pedindo em troca apenas o meu bem-estar e o meu amor. Todas as palavras de agradecimento seriam minúsculas diante do amor que eu sinto por eles, da imensa precisão que tenho da presença deles em minha vida. Eles já atravessaram muitas barreiras para continuarem vivos e firmes ao meu lado. Superaram todas as minhas rebeldias de juventude, aturando minhas descobertas artísticas que a cada dia se tornam mais orgânicas. As suas negações quanto a minha vida artística antes do acidente foram substituídas por uma aceitação que a vida impôs de forma bastante natural. Foi através do teatro que a vida se fez presente de novo e foi por causa do teatro que consegui dar a volta por cima, que consegui ganhar dinheiro novamente, que pude pagar dívidas antigas minhas e de meus pais e quebrar definitivamente qualquer tipo de preconceito contra a arte em minha vida.

E minha QUARTA CARTA dedico a minha família artística, com destaque especial ao amigo e também diretor Vladimir Santiago. Foi com a ajuda dele que consegui sair do ostracismo, de uma vida pouco social e de uma possível depressão. Foi através do teatro que, mesmo antes do acidente, conseguia meus empregos e descobri uma forma de ganhar a vida construindo o artista Netto Ribeiro. O Teatro, após o acidente foi essencial para mim. Foi o Vladimir quem afirmou que continuar a ser um artista seria a minha cura. O teatro e os tratamentos médicos me possibilitaram que estivesse hoje concluindo minha graduação em teatro. Essa família artística teve de me suportar em muitos momentos difíceis, alguns colegas de teatro desistiram de mim, mas os que ficaram, são parte integral desse meu novo mundo. Eu também não desisti de mim e

acredito que a todo momento melhores coisas irão acontecer. A minha fé psíquica, espiritual e a crença em mim tornaram-me um novo homem, e é para esse novo homem artista que digo “SEJA BEM VINDO, TENHA UM EXCELENTE ESPETÁCULO!”.

2. CARTA PARA ANTÓNIO DAMÁSIO[1]

Dr. António Damásio, minhas sinceras saudações. Antes de expor o motivo desta minha correspondência gostaria de apresentar-me: chamo José Ribeiro de Mendonça Neto, popularmente conhecido por meu nome artístico de Netto Ribeiro. Sou um artista e trabalho nas funções de ator, diretor, maquiador, recreador infantil e performer. Este ano completo 23 anos de teatro. Moro na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba/BR. Em meados de setembro deste ano apresento minha defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teatro, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulado “Eu “NU” Teatro: cartas sobre reinserção social pelo teatro pós lesão cerebral”.

No ano de 2012, especificamente no dia 13 de fevereiro, por volta das 23h, sofri um grave acidente de moto que me deixou entre a vida e a morte. Era época de um pré-carnaval. Estava em uma festa popular de rua e havia ingerido muitas bebidas alcoólicas entre outras drogas típicas de aventuras carnavalescas aqui no Brasil nesta época. Peguei minha antiga moto, entreguei meu único capacete ao carona e saí em disparada. Quando passávamos em um cruzamento de semáforos, um taxista desgovernado que acabara de ultrapassar o sinal vermelho, colidiu comigo.

Com o impacto, fui lançado a uma grande altura e caí com a cabeça diretamente no asfalto. Entrei em estado de coma imediato, estado em que, segundo Dantas (2019), a transmissão de sinais químicos do tronco cerebral e tálamo para o cérebro ficam comprometidas. A ambulância de resgate havia feito um atendimento próximo ao local do desastre e por isso a agilidade no atendimento foi maior. Em cerca de dez minutos, o carro do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) chegou ao local do acidente.

Fizeram os procedimentos de emergência necessários e fui encaminhado para a enfermaria do Hospital Estadual de Emergência e Traumas Senador Humberto Lucena, aqui mesmo na capital. Estava apresentando naquele momento, rebaixamento do nível de consciência Glasgow 08. Foi realizada uma intubação orotraqueal, deixando-me

[1] Antonio Damásio é médico neurologista e neurocientista português. É professor de neurociência e dirige o Instituto do Cérebro e da Criatividade na Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, EUA. Autor de diversos livros, como “O Erro de Descartes”, “O mistério da Consciência”, “Em busca de Espinosa”, “A estranha ordem das coisas”.

dependente de ventilação mecânica invasiva. Fui avaliado pelos serviços de cirurgia geral e neurocirurgia com indicação de tratamento intensivo. Meu diagnóstico foi um traumatismo crânio encefálico e uma lesão axonal difusa, apresentava ausência de lesões intracranianas traumáticas e de fraturas ou desalinhamentos. Em meu tratamento foi feito um primeiro atendimento de urgência com uma sutura no couro cabeludo, tratamento conservador de Traumatismo Cranioencefálico e suporte neurointensivo.

Fiquei em estado de coma por 28 longos dias, entre coma normal e induzido. Após esse processo inicial, transferiram-me para outro hospital com menos pacientes, mas isso durou pouco tempo já que, para ter alta médica, precisava voltar ao hospital onde havia sido feita a primeira internação para continuação do tratamento. Voltando ao primeiro hospital, fui posto na enfermaria. Dessa vez, eu apresentava um quadro de extrema irritabilidade que é um processo comum para quem sofre uma lesão dessa natureza.

Meus braços e pernas precisaram ser amarrados na maca do hospital para que não agredisse fisicamente ninguém. Segundo relatos de minha mãe, no hospital de Traumas, eu gritava ferozmente. Não suportava nenhuma espécie de barulho ao meu redor, o barulho da televisão na UTI me incomodava. Falava muitos palavrões, agredia os enfermeiros e pacientes de todas as formas, falava que iria matar a todos, enfim, e só ficava contido quando os enfermeiros de plantão davam-me um calmante para assim sedar-me e conter-me.

Após a minha saída do hospital começou um lento e doloroso processo de amnésia pós-traumática e irritabilidade que durou aproximadamente nove meses, além das confusões mentais típicas do processo de reestruturação psicofísica. Eu não reconhecia minha própria mãe e me tornei o melhor amigo de meu pai, apesar de nunca haver tido nenhuma intimidade com ele até aquele momento. Algumas medidas precisaram ser tomadas: facas, objetos cortantes e chaves foram escondidos em lugares estratégicos para que não cometesse algum deslize.

Em casa, falava sem parar, palavras e frases desconexas. Fiquei dependente de fraldas geriátricas durante algum tempo. Não conseguia andar com equilíbrio, o lado esquerdo de meu corpo ficou dormente fato que persiste até os dias de hoje. No acidente sofri arranhões pelo corpo, um corte um pouco profundo em meu joelho, perdi a força de

minhas pernas, emagreci bastante, chegando a ficar com 75 quilos, devido a minha alimentação. Quando voltei pra casa, estava bastante magro, não me alimentava sozinho, a não ser com meu pai, que se tornou meu cuidador oficial.

Recordo que nessa época eu quase não saia de casa, a não ser quando uma amiga chamada Enolla Mayenne, que também é enfermeira, vinha me pegar para dar uma volta em algum lugar. Ficava durante horas na janela do quarto de meus pais de minha antiga casa, em silêncio, olhando para o nada. A única forma comunicação entre eu e minha mãe era quando ela falava a palavra “comida”, só bastava isso para que eu mudasse meu humor. Essa era também uma tática usada para eu tomar os medicamentos: como eram muitos comprimidos, meus pais diluíam ou amassavam os comprimidos dentro de meu prato e misturavam. Essa era a única alternativa para eu tomar os medicamentos nos horários certos.

Queria ir embora de casa a qualquer custo, repetia sempre para minha mãe que iria embora ficar com meus verdadeiros pais, mesmo minha mãe afirmando que já estava em casa, eu continuava insistindo na mesma ideia.

Eu tinha uma cadela chamada Amy, dei esse nome a ela em homenagem à cantora Amy Winehouse. Era completamente apaixonado por essa cadela, mas quando voltei pra casa nesses meses de amnésia, também não a reconhecia. Eu a ignorava completamente mesmo ela sendo o meu grande amor. Quando conversava com meu pai ficava mais atento, mais concentrado e consciente. Quando andava nas ruas, sempre acompanhado, pisava nos pés das pessoas e isso gerava sempre situações de embaraços. Encontrei em seus argumentos, professor Damásio, algo que parece elucidar o que estou compartilhando

> suspeito de que o cérebro não prevê os estados do corpo com rigor algorítmico, mas sim que o cérebro fica aguardando que o corpo lhe comunique o que realmente sucedeu (DAMÁSIO, 1996, p. 188-189).

A minha orientadora, professora Juliana Costa Ribeiro, falou que essa minha história a lembrou do caso do operário Phineas Cage, do seu livro “O Erro de Descartes”. No mesmo dia, consegui adquirir uma cópia na biblioteca da universidade. Peguei emprestado e em apenas um dia, havia lido boa parte do texto, em especial ao capítulo

7, sobre “Emoções e sentimentos”. Algumas pontuações neuropsicológicas deste capítulo têm similaridades com as minhas sensações e todas as suas teorias adequaram diretamente ao meu novo processo. A minha compreensão dos processos biológicos humanos racionais e não racionais estavam mais claros. Descobri que os processos biológicos de todos os seres vivos do planeta terra agem de forma instintiva e que as necessidades fisiológicas são comuns. Seus estudos e teorias sobre a existência da vida através da neurologia, trazem respostas muito precisas as quais sempre estive em busca.

> o cérebro e o corpo encontram-se indissociavelmente integrados por circuitos bioquímicos e neurais recíprocos dirigidos um para o outro. Existem duas vias principais de interconexão. A via em que normalmente se pensa primeiro é a constituída por nervos motores e sensoriais periféricos que transportam sinais de todas as partes do corpo para o cérebro, e do cérebro para todas as partes do corpo. A outra via, que vem menos facilmente à mente, embora seja bastante mais antiga em termos evolutivos, é a corrente sanguínea; ela transporta sinais químicos, como os hormônios, os neurotransmissores e os neuromoduladores (DAMASIO, 1995, p. 106).

Através da disciplina de Anatomia e Fisiologia da dança, que cursei em minha faculdade, junto a minha orientadora, pude obter explicações mais detalhadas sobre o meu caso e em especial sobre o Sistema Nervoso (SN), sendo ele a rede de comunicação e coordenação do corpo, recebendo as informações do meio ambiente através dos sentidos e do meio interno. Descobri que o organismo processa as informações até elaborar uma resposta resultando em ações através do pensamento, o aprendizado e a criatividade.

O meu SN foi afetado no momento do impacto do acidente apresentando assim, algumas deficiências e incapacidades temporárias que interferiram em minha capacidade desempenhar algumas funções como andar em equilíbrio, dormência no lado esquerdo do corpo, além de um medo intenso de crer em minhas afirmações. Minha autoestima estava bem comprometida, a insegurança era, por vezes ainda é, um grande desafio a ser enfrentado. Isso trouxe uma queda bem significativa em meus trabalhos artísticos, meu poder de direção teatral, mesmo já sendo um diretor com vários trabalhos na área.

Um fato curioso é que nesse processo de recomposição cerebral pós-traumática passei a viver uma nova vida. O cérebro lesionado fez com que o meu processo de

neuroplasticidade criasse uma nova forma de agir. Fico constantemente tentando recordar minha antiga trajetória a partir de lembranças que podem ocorrer naturalmente ou através de fotografias, de conversas com familiares ou amigos, vídeos antigos ou quaisquer símbolos que remetam a um passado que permanece inacessível. Passei por um processo de reaprendizagem de minhas funções básicas como, andar, pensar, sentir, chorar, rir, irritar-se, descobrir.

Minhas habilidades de pensamento, atenção, organização, resolução de problemas, planejamento, habilidade de pensamento, tomadas de decisão, julgamento, segurança de raciocínio e memória estavam completamente comprometidos. No decorrer do processo de amnésia, sofri algumas quedas dentro de casa, do banheiro e da escada, nada de muito grave, apenas sustos que atormentavam ainda mais os meus pais que foram meus cuidadores.

Através do Teatro, pude compreender de forma mais clara, os estados emocionais pelos quais nosso corpo atravessa constantemente já que as emoções ocorrem a todo instante em nossa mente sendo traduzida no corpo na forma de estímulos fisiológicos.

> é-me muito difícil, senão mesmo impossível, pensar que espécie de emoção de medo restaria se não se verificasse a sensação de aceleração do ritmo cardíaco, de respiração suspensa, de tremor dos lábios e de pernas enfraquecidas, de pele arrepiada e de aperto no estômago. Poderá alguém imaginar o estado de raiva e não ver o peito em ebulição, o rosto congestionado, as narinas dilatadas, os dentes cerrados e o impulso para a ação vigorosa, mas, ao contrário, músculos flácidos, respiração calma e um rosto plácido? (JAMES *apud* DAMÁSIO, 1996, p. 18).

Recordar as emoções é uma tarefa bastante complexa. Os exercícios de cada disciplina do bacharelado em teatro, desde os exercícios de aquecimento corporal e vocal, agem como estimulante imagéticos sensitivos. É preciso que haja uma visão clara do passado e necessita de uma análise bastante técnica. Só precisei analisar de forma mais fria as emoções e, por conseguinte, tentar lidar com elas. As ações psicofísicas que pude experimentar durante os cinco anos de graduação em teatro, aproximaram-me do universo do corpo e em especial da neurologia. É através de estudos e práticas que posso

afirmar que a arte, em especial o teatro, tem sido o caminho que utilizo para meu tratamento de reconstrução psicossocial pós-acidente.

> para sorrir naturalmente temos duas opções: aprender a representar ou pedir que nos contém uma boa anedota. A carreira dos atores e dos políticos depende desse arranjo simples e incômodo da neurofisiologia. Há muito que os atores profissionais conhecem esse problema e tem desenvolvido diferentes técnicas de representação. (...) A partir do conhecimento pormenorizado de como as emoções (as suas expressões) são vistas por um observador externo e da recordação do que normalmente se sente quando tem lugar essas alterações exteriores, os grandes atores dessa tradição simulam-na com grande determinação. O fato de poucos conseguem triunfar é um sinal dos obstáculos que a fisiologia do cérebro lhes coloca (DAMÁSIO, 1996, p. 170-172).

Um bom exercício para o ator é observar o gato que fica de prontidão para executar a ação. O gato age de modo instintivo, natural. A ação do ator tem uma lógica interna e é com o treinamento que atingimos esse estado para prontidão. Podemos, no entanto, investigar esta lógica. Não se pode acreditar numa ação cênica que não tenha lógica. O importante para que haja veracidade é vivenciar a ação. O ator consegue se emocionar ou não através da técnica.

> novos dados provenientes de registros eletrofisiológicos mostram-nos que os sorrisos simulados originam padrões de ondas cerebrais diferentes dos padrões criados pelos sorrisos verdadeiros. Não conseguimos enganar a nós próprios, tal como não conseguimos enganar os outros quando só sorrimos por cortesia, e é exatamente isso que o registro elétrico parece estabelecer de forma clara. Pode ser também por esse motivo que tanto grandes atores como cantores de ópera conseguem sobreviver à simulação das emoções exaltadas a que se submetem com regularidade sem perder o controle (DAMÁSIO, 1996, p. 179).

A imaginação para Stanislavski é visual, como construir um filme, as vontades e contra vontades estão ligadas, como um monólogo interior, um tipo de discurso que precede a ação, um subtexto. É preciso criar um discurso interno para a construção da personagem, como uma verbalização mental. É um método que precisa viver na prática, já a técnica está no contexto estético social.

> em geral, os impulsos e os instintos operam quer diretamente, pela geração de um determinado comportamento, quer mediante a indução de estados fisiológicos que levam os indivíduos a agir de determinado modo, de forma consciente ou não. Praticamente todos os comportamentos que resultam de impulsos e instintos contribuem para a sobrevivência quer em termos diretos, pela execução de ações de preservação da vida, quer em termos indiretos, pela criação de condições vantajosas para a sobrevivência ou pela diminuição da influência de condições potencialmente adversas. As emoções e os sentimentos, que são centrais para a previsão da racionalidade que estou propondo, são uma poderosa manifestação dos impulsos e dos instintos, constituindo uma parte essencial da sua atividade (DAMÁSIO, 1996, p. 143).

Meu cérebro não estava degenerado, nem muito menos gravemente rompido ao ponto de deixar-me inutilizado; pelo contrário. Há aproximadamente sete anos, contando a partir da data do meu acidente, que enfrentou uma luta para recolocar-me de volta aos trabalhos. A princípio, perdi alguns contratos, não havia segurança em minhas afirmações, não me pronunciava mais diante de quaisquer discussões; até porque conscientizei-me o quão irritante deve ser, ter de lidar com alguém assim, como eu, em processo de voltar a restabelecer relações pessoais e profissionais. Era preciso de tempo, análise, programação e ação.

Com a descoberta da anatomia e fisiologia, comecei a despedir-me de toda minha fé espiritual. Tive o catolicismo como herança paterna e materna, mas toda a minha fé começou a se diluir quando descobri que somos apenas mais um ser vivo, vertebrado do planeta Terra, dotado de capacidades psicofísicas, ainda em fase de evolução da espécie como tantos outros seres da natureza. Os processos biológicos de todos os seres vivos agem para sobreviver: quando o humano sente fome, ele precisa saciar sua necessidade, nem que pra isso, ele tenha de agir de maneira antissocial. Muitas de suas definições e teorias sobre o funcionamento corporal, cerebral e emocional que partem da organização da matéria orgânica, me trazem explicações nas quais eu sempre estive em busca sobre a existência da vida.

> em conclusão, a emoção é a combinação de *um processo avaliatório mental,* simples ou complexo, com *respostas dispositivas a esse processo,* em sua maioria *dirigidas ao corpo propriamente dito,* resultando num estado emocional do corpo, mas também *dirigidas ao próprio cérebro* (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais. Repare que, de momento, estou deixando

> de fora da emoção a percepção de todas as mudanças que constituem a resposta emocional. Como se descobrirá em breve, reservo o termo *sentimento* para a experiência dessas mudanças (DAMASIO, 1996, p. 168).

Acredito que o humano é sem sombra de dúvidas, dentre os animais existentes no planeta terra, o único capaz de alterar significativamente e conscientemente o seu processo no planeta. Através da ciência, o homem descobre a cada instante, novas possibilidades para a continuação de sua própria espécie; porém, por não se conformar com o que sua natureza lhe ofertou, tenta alterar a vida em toda sua essência.

Percebo que todas as informações estão arquivadas dentro de meu cérebro, estão vindo à tona a todo instante de forma absolutamente natural. Deixei de me preocupar com o que os outros estavam achando de mim e comecei a ser mais ousado em minhas ações, a minha autoconfiança estava bastante fragilizada. Precisava reaprender tudo em minha vida, desde as tarefas mais simples às mais complexas. Meu estado sentimental passava por um turbilhão de emoções, não recordava; por vezes ainda hoje não recordo; de minhas antigas relações. A minha libido estava completamente confusa, não recordava de nenhum parceiro afetivo, sou homossexual assumido e tive de enfrentar muitas barreiras para me restabelecer o meu processo sentimental já que não recordava de antigos parceiros.

Desde o dia em que recobrei a consciência, enfrentei, e ainda enfrento, muitos desafios para me restabelecer o bom senso em minhas ações decisões cotidianas. Redescubro que além de atuar, eu também dirigia e escrevia textos dramatúrgicos; que maquiava e ministrava aulas de maquiagem, que era produtor cultural e produtor de eventos publicitários; que cursei até o segundo período do bacharelado em publicidade e propaganda em uma faculdade particular aqui na capital, que havia atuado em cinema e que era também a *hostess* e *Drag Queen* oficial de um festival internacional de cinema, o Cineport; que era palhaço, recreador de festas infantis e eventos, que sou bom em improvisos, que gosto de escrever poesias, que tenho muitos projetos arquivados e prontos para saírem do papel; redescubro que sou premiado em festivais nacionais de teatro, que sofria de uma quase bipolaridade em meu eu anterior ao acidente, que era extremamente elétrico, que sou multifacetado e que estou em plenas condições psicofísicas para voltar a ser um artista.

Dr. Antônio Damásio, agradeço imensamente o tempo dado à leitura desta carta. Suas teorias mudaram a minha vida. Sou libriano e tenho como símbolo a balança e é exatamente assim que me sinto completamente dividido entre a Ciência que exibe e explica em detalhes as minhas ações e reações humanas; que afirma categoricamente que sou “apenas” mais um ser vivo vertebrado que existe dentre tantos; e a Arte que me põe no mundo imaginário e sensitivo de imagético, do incompreensível, do lúdico e da realidade.

3. CARTA PARA O PSIQUIATRA

Doutor Ricardo, estou escrevendo esta carta para falar sobre o teatro e seu poder de cura em minha vida. Já se passaram sete anos desde o dia de meu acidente e preciso confessar-lhe de como o meu processo de tratamento medicamental, minha recomposição psicofísica, biológica e social estão progredindo. Em setembro deste ano, defenderei meu Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teatro 2019.1 pela Universidade Federal da Paraíba denominado “EU “NU” Teatro: cartas sobre reinserção social pelo teatro pós lesão cerebral”. Peguei como ponto de partida, meu acidente motociclístico no ano de 2012 que me deixou em estado de quase morte por 28 longos dias de coma normal e induzido.

Minha fonte central de pesquisa para esta monografia, foi de meu próprio caso clínico de pós-acidente, minha improvável aprovação no vestibular, meu novo convívio com familiares, amigos, conhecidos, pessoas da mídia, antigos contratantes, projetos arquivados e os novos empreendimentos que tomaram uma nova forma através do Teatro.

Atuo na área artística desde muito jovem, ingressei no teatro aos 16 anos influenciado por um tio materno chamado Arionaldo Farias de nome artístico Nanal Farias, que atuava na cena teatral paraibana desde muito cedo. Ele era formando do antigo curso de Educação Artística pela Universidade Federal da Paraíba. Na época, eu frequentava os espetáculos infantis que ele integrava, mas, as peças adultas eram as que mais me encantavam. No ano era 1996, meu tio fez parte do elenco da peça “Nua

da Igreja” com texto e direção do paraibano Tarcísio Pereira. Por ser menor de idade, não poderia assistir a este espetáculo de classificação etária a partir dos 18 anos, então escondi-me deste diretor debaixo de um piano negro que ficava nos bastidores quando acompanhava meu tio em uma de suas apresentações. Ao final deste espetáculo, eu estava completamente paralisado e emocionado com o que acabara de presenciar. Eu havia descoberto o segredo dos bastidores no lado mágico da ribalta. Fui até o camarim parabenizar meu tio e ao elenco pela apresentação. Foi assumindo minha traquinagem de criança que decidi, a partir daquele momento, que seria um artista para o resto de minha vida.

Como você pode perceber, o teatro sempre esteve presente, não foi uma escolha depois do acidente. Hoje em dia consigo lembrar claramente deste momento e isso foi construído ao longo desses sete anos. Não tenho muita capacidade de lembrar. Caso pegue uma foto não consigo lembrar do que aconteceu naquele momento. Não sei se estou criando uma nova história para o meu antigo eu ou se estou realmente lembrando do passado.

Ainda em 1996, morava com meus pais em uma casa em frente ao Palácio Episcopal do Bispo da Arquidiocese da Paraíba no centro da cidade de João Pessoa. Todas as noites, escondido de meus pais, varava a madrugada pela janela da sala que dava para os palcos armados na praça onde corriam os ensaios da peça teatral ao ar livre, a “Paixão de Cristo”. Ficava dando auxílio aos atores e técnicos, oferecendo água, por vezes biscoito ou qualquer outra desculpa para estar ali, para me sentir parte daquele jogo cênico. Passaram-se os tempos de ensaios e chegou o dia da estreia. Mesmo não integrando o elenco, que também era composto por crianças, punha-me sempre à disposição para auxiliar todos em tudo. Comecei a fazer amizades com atores, atrizes, maquiadores, produtores, técnicos e demais profissionais que estavam envolvidos no projeto.

Em uma dessas apresentações, que por vezes se repetiam até três vezes devido ao grande público que se aglomeravam e prestigiaram o evento, saí de mansinho, disse aos meus pais que iria ver as apresentações lá de perto e desviei a minha rota para o centenário Theatro Santa Roza a fim de saber mais detalhes sobre os cursos de teatro.

De cara me encantei com o balé e comecei a frequentar, ainda escondido, aulas de dança com o professor Plínio Sérgio (*in memoriam*).

No curso de Bacharelado em Teatro voltei a ter vivências em dança com a professora Bárbara Santos, na disciplina Corpo e Movimento. Depois do acidente fiquei com dormência e perdi meu equilíbrio. Essa experiência no curso foi muito significativa, porque ganhei autoconfiança. As aulas levavam a atenção para os ossos e percebi que eu tinha algo sólido dentro de mim, que me dava apoio. Sentia como se estivesse cansado, mas a professora explicava que era apenas o corpo que estava aquecendo por conta do trabalho corporal. Minha insegurança fazia com que eu me travasse. Em aulas íamos conhecendo a estrutura corporal e comecei a experimentar movimentações que trabalhavam equilíbrio. Foi lidando com o medo que me reconectei e compreendi que havia equilíbrio em mim.

Ainda em 1996 passei pelos corredores do Núcleo de Teatro Universitário (NTU). Olhei para o que acontecia em uma das salas de ensaio e vi um grupo se aquecendo. Fiquei olhando os ensaios pela janela. Fui ficando amigo do elenco, do diretor, tudo isso ainda sem meus pais saberem de nada. Abriu uma vaga para uma personagem e eu pedi para fazer o teste. Passei e comecei os ensaios com o grupo. Agora sim, finalmente contei aos meus pais que estava fazendo teatro e os convidei para assistirem minha estreia.

Estava absolutamente ansioso. Meus pais chegaram ao teatro que estava lotado, pois os ingressos eram vendidos a um baixo custo para incentivar o fomento aos espaços culturais. A peça chamava-se “A Moenda” com texto e direção de Jacinto Moreno. Minha cena era muito rápida, interpretava um dos demônios que não tinha texto, mas sim a presença e performance em cena. Ao final da peça, todos comemoravam a estreia da peça e eu da minha entrada no teatro.

Minha mãe chegou no camarim e chamou para ir embora, pois meu pai estava esperando no carro. Irritado e sem entender aquela cena, neguei minha ida com os meus pais pra casa. Fui dormir na casa de um amigo querido que também foi o primeiro grande amor de minha vida, o Marcos Pinto (*in memoriam*). Fugi de casa e fiquei na casa do Marcos por dois dias, quando resolvi ligar para minha casa e comunicar que eu estava bem. Meu pai pegou o telefone de minha mãe e disse que voltasse de qualquer jeito.

Concordei contanto que eles não brigassem comigo e me deixarem fazer teatro. Bem, entre trancos e barrancos, o plano deu certo, tanto é que este ano, completo 23 anos de carreira artística.

Por falar em brigas, gostaria de comentar sobre os primeiros anos no curso de teatro. Para mim era absolutamente normal o que eu falava, mas para os meus colegas não tinha sentido nenhum. O professor estava discutindo um assunto e eu tinha certeza que estava entendendo e dominava tudo. Vinha uma memória aleatória e eu falava em sala de aula. Estava armada a confusão. Nem o professor nem os alunos acompanhavam o meu raciocínio, que estava desconectado, mas que eu não tinha consciência disso. O meu esquecimento também me atrapalhava muito. Começava a falar uma frase e me perdia. Tudo isso gerava confusão, conflitos, principalmente com os discentes, mas com os docentes também.

Doutor, falei desse meu princípio no teatro, os detalhes com relação a datas, nomes de pessoas, de espetáculos ou de qualquer referência que me vêm à mente, porque quero afirmar que o teatro, o amor e o respeito de minha família e especialmente o fazer artístico, estão sendo minhas chaves para a compreensão da vida.

Sempre tentei buscar encontrar respostas precisas para meus questionamentos sobre o sentido da vida. Pesquisei e busquei alguns teóricos que dão explicações bastante convincentes sobre esta existência e da ordem biológicas dos seres vivos. Tive uma forte criação católica, tive tios que foram Bispos, frades, freis e franciscanos. Desde pequeno representava personagens bíblicos para eventos em escolas ou atividades paralelas coordenadas muitas vezes por meus pais e principalmente por minha avó Maria Madalena Fragoso Ribeiro (*in memoriam*), minha eterna “voinha” Lena. Foi através de seu apoio, de sua generosidade, da compreensão, educação, cumplicidade e do seu cuidado materno comigo.

Antes de continuar com o meu depoimento, gostaria de fazer um novo e fundamental acréscimo ao meu texto de monografia. Não me sentia completo. Então busquei um pouco de espiritismo, que me encantou profundamente. Depois abandonei e cheguei a participar de algumas sessões de candomblé, mais uma vez estava encantado com todo aquele jogo espiritual. Depois, resolvi abandonar tudo isso porque estava em busca de minhas próprias respostas. A busca se tornou incansável, só que a cada

momento que encontrava alguma pista para meu questionamento da vida, mais perguntas vinham à tona em minha memória.

As perguntas só se agigantam sendo que as respostas estavam o tempo inteiro comigo, dentro de meu raciocínio, de meus estudos sobre a anatomia e fisiologia que obtive numa cadeira de meu curso de Bacharelado em Teatro. Durante essa disciplina pude fazer o estudo detalhado do sistema nervoso, em seus detalhes anatômicos e fisiológicos. Esse estudo me deixou consciente de que as religiões são fruto de nossa educação, da formação. Os humanos criam conceitos, estabelecem regras para a sobrevivência. Criamos nossas próprias regras para tudo. Inventamos ideologias para a convivência, por vezes interferindo negativamente nas relações. Cheguei à conclusão que somos resultado de ligação de diversas células que se integram e se reformulam. Somos uma espécie em evolução como tudo o que é vivo. Mas isso não é algo que eu possa falar abertamente na minha família. Não vale a pena travar esse tipo de discussão.

Foi o teatro o responsável pela minha reinserção social pós-acidente. O curso de teatro abre muitas portas com teóricos como Constantin Stanislavski (1994), Bertolt Brecht (2014), Peter Brook (1999) entre outros. Mas, quando tive a oportunidade de conhecer o universo da anatomia humana, encantei-me. Respostas para ações e reações estavam mais claras para mim. Através dos estudos e práticas do neurocientista Antônio Damásio (1994) e suas publicações como o livro “O Erro de Descartes” e a sua mais nova publicação “A estranha ordem das coisas - as origens biológicas dos seres humanos e da cultura” me puseram em frente ao desconhecido.

Tenho uma avó chamada Geneide Toscano de Brito, que sofre do mal de Alzheimer, e ficou completamente cega e isso se estende há quase 10 anos. Quando a observo, consigo fazer uma análise muito pessoal sobre a vida e sobre cada função do nosso corpo. Tornei-me um dos cuidadores de minha avó, uma tarefa que foi dada a mim pela vida em um momento de reestruturação psicofísica e social pós acidente.

Os cuidados com minha avó foram de grande aprendizado. A degradação do cérebro dela foi gerando esquecimento de tudo. Eu vivia, e às vezes ainda vivo, problemas de memória recente e passada. Logo após o acidente minha mãe contou-me que eu chamava minha avó de mãe e conversava horas com ela de assuntos sem

sentido. Minha avó ficava escutando minha conversa e ria. Não consigo me lembrar desses momentos com minha avó. Aconteceu nos oito meses de amnésia pós-acidente.

Dentre as respostas que eu encontrei, sem sombra de dúvidas a que mais me instiga é de como a arte teatral e seus exercícios e práticas, tem um poder impressionante de cura em minha vida. Minha formação teatral se deu na Cia Rataplan de Teatro e animações festas e eventos. É através de recreação em festas infantis que integro há anos esta companhia, além dos espetáculos teatrais que também faço com a cia e com a Cia Saltimbancos, são um antídoto para recobrar minhas memórias.

Na Rataplan, sempre levávamos as personagens de acordo com o tema da festa, e isso consequentemente fazia com que eu, como pesquisador, ficasse em busca de respostas e novas formas de contracenar. Com as recreações de festas infantis na Cia, descobri a escola. Pude exercitar com bastante liberdade o meu exercício teatral. Em minhas pesquisas, as teorias do neurocientista Antônio Damásio (1994), seus estudos e práticas neuropsicológicas, se adequam de forma precisa às minhas pesquisas e práticas. Conseguia lidar com as emoções e com os sentimentos de maneira mais concisa, mais consciente e clara. Quando li o capítulo 7 “Emoções e Sentimentos” do livro “O erro de Descartes”. Descobri que as emoções ocorrem constantemente em nossa vida de forma absolutamente biológica e natural. Podemos programar nosso percurso, mas é impossível, até que se prove ao contrário, prever nosso futuro.

Bem no início de minha volta de memória, meus pais fizeram um acordo com o Isaú, diretor da Rataplan Animações e Fantasias que viesse me pegar e me levasse até a empresa para tentar voltar a trabalhar. Foi designado para mim por indicação do próprio Isaú, que minha função seria apenas atender telefonemas e passar a ligação para outro departamento, concordei com a proposta, mas não foi bem assim que as coisas aconteceram. Atendia o telefone da empresa com a mesma empolgação de antes, mas não tinha propriedade ao intervir em qualquer negociata da empresa e cia. Confundia clientes, ofertava produtos que não estavam de acordo com o sistema de negócios da empresa, era realmente um grande risco para todos. Afastei-me da empresa, mas sempre continuei trabalhando artisticamente para a cia. As animações de festas e telegramas animados da Rataplan eram meu trabalho preferido, porém, por não ter segurança em

minhas afirmações, acabava atrapalhando o desenrolar das negociações com os clientes.

Tentei outro caminho ainda na Rataplan, assumindo a produção de nosso espetáculo no espaço Piollin. Corri atrás da mídia, da assessoria, da imprensa, de brindes, de mídia televisiva, jornalística e digital, comercial no ar, tudo estava preparado, porém, a minha memória ainda não estava preparada para aceitar a derrota. A temporada foi um fiasco de público, tivemos que cancelar a temporada e na última apresentação, estava em cena completamente atrapalhado a ponto de brigar com o diretor. Logo após a apresentação e desistindo de integrar o elenco deste espetáculo chamado “Acorda Aurora a comédia”, de uma vez por todas. É claro que isso não aconteceu e até hoje fazemos o espetáculo, a minha pesquisa sobre circo-teatro ficou mais aprofundada, mais teorizada.

Conheci a Ermínia Silva em seu lançamento do livro Circo-Teatro - Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. Esse foi o carro chefe para entrar no processo do espetáculo que tinha outro ator no elenco, Alexandre Gomes, que morreu de forma perversa brutalmente assassinado no Espírito Santo. Ele fazia a personagem que hoje faço na peça. O que mais me deixou impressionado foi que eu não havia esquecido nada do texto, nem muito menos do tempo da comédia. Isso me fortaleceu, mas era preciso ainda de mais segurança para a evolução da interpretação circense.

Além desse espetáculo, outras ações cênicas que desenvolvi na Rataplan no período pós acidente, ajudaram-me bastante em meu retorno ao universo artístico. Voltei a fazer comerciais para uma empresa a qual ainda sou garoto propaganda há mais de vinte anos isso tudo graças ao contato e a produção da Rataplan para garantir a contratação. Independente de quaisquer negociatas, não posso negar que foi através da Rataplan, mais propriamente da condução cênica do Isaú Firmino, que senti-me seguro ao enfrentar quaisquer palcos do mundo.

O tempo da comédia foi algo que eu precisei encontrar de forma mais intensa, afinal esse era o meu cartão de trabalho: a comédia e as animações integravam a minha atuação na palhaçaria. Sou muito grato por tudo que a essa Cia encaminhou para meu crescimento artístico, desde as criações performáticas, dramatúrgicas, atendimento,

gerenciamento, dentre outros. Foi através de telegramas animados com a Rataplan que descobri a minha palhaçaria do universo da *drag queen*.

Tornei-me a *hostess* oficial de um festival internacional de cinema de Países de Língua Portuguesa, o Cineport, já faziam cinco edições. O ano era 2014 quando fui convocado mais uma vez para interpretar essa personagem chamada Cine Pode? uma *drag* cinéfila que recebia os convidados, apresentava performances cômicas, dramáticas e poéticas neste festival. A diretora geral, Mônica Botelho, que além de parceira de trabalho, é uma grande amiga que serei eternamente grato pelo que ela fez de benefícios aos meus pais no início de meu tratamento se responsabilizando por todas as despesas orçamentárias relativas a remédios, exames e internações. Mônica Perez Botelho é sem sombra de dúvidas, fora os meus pais, a pessoa que mais influenciou nesse meu retorno aos palcos. O festival iria acontecer, mas antes disso, ela havia visitado a cidade duas vezes e nessas duas vezes ela queria me encontrar para ver realmente ela deveria arriscar pôr em cena um ator em pleno processo de recomposição.

Tudo certo e aprovado, começou o festival, estava indo tudo muito bem até que meu cérebro ainda descoordenado, não conseguia lidar com as emoções. A segurança que eu tinha em interferir de forma inteligente e cômica com a plateia, não era mais a mesma. Durante o festival, uma cantora portuguesa famosa, foi reclamar de minhas piadas sem graça e interferências durante seu show. Definitivamente, não sei como consegui lidar com os 10 dias de festival, com uma personagem tão importante e fundamental, sem resgatar as minhas memórias de outras edições aos quais não me recordava em hipótese alguma.

Como se não já não fosse o bastante para esse período de pós-acidente, por intermédio de uma outra parceira de palco, pus no edital do FMC (Fundo Municipal de Cultura) um projeto de mais um musical. Dentre as artes que tenho paixão, a mais forte são os musicais. Graças a iniciativa dessa minha parceira de palco chamada Ana Valentim e mais uma artista que entrou como elaboradora de projeto chamada Nara Limeira, elaboraram, publicaram e fomos aprovados com o projeto de montagem do espetáculo “Carnal - Cabaret Musical”.

Esta peça foi uma grande revolução na cena teatral paraibana, afinal o espetáculo ocorria dentro de um prostíbulo, uma casa noturna na Rua da Areia, gueto de

prostitutas e travestis na cidade de João Pessoa. O espetáculo foi um arrebate de sucesso, levando um grande público ao espaço destinado às apresentações. A bilheteria era doada para a casa onde estávamos apresentando para poder colaborar de forma artística e social para com o preconceito que essas mulheres sofrem da sociedade. Fizemos parceria com a Apros PB, a associação das prostitutas do estado da Paraíba e foi um sucesso.

Mas o espetáculo só tinha a minha direção geral, já que eu não consegui dirigir minha própria peça. Tivemos que contratar um encenador e eu não poderia estar envolvido para não atrapalhar esse processo. Foi muito difícil para mim e para o elenco ver um grande sonho correndo um sério risco de ser um fiasco. Graças ao empenho da equipe tivemos boas críticas. A peça acabou sendo engavetada e com toda certeza, retornará no tempo certo.

Perceba doutor, esse meu grande receio sobre tudo correu justamente quando estava menos preparado para assumir quaisquer responsabilidades sobre a condução do crescimento de meu próprio texto. Mais uma vez era preciso calma, parar, respirar, perceber e agir. Fui vendo minha vida foi toda pautada em ações artísticas dentro de minha cidade, e que isso só retornaria quando eu estivesse seguro de minhas escolhas e de minhas ações. É definitivamente um processo bastante lento e doloroso, as incertezas sempre pairavam como sendo uma grande vilã desse meu retorno.

Meu pai realmente estava bastante mudado, cheguei a fechar um telegrama animado que iria vestido de *drag*, porém, o carro que iria me levar não pode vir e coincidentemente, meu pai acabara de chegar em casa para deixar uma chave. Quando me viu montado esperando o carro, passou por cima de todo o preconceito e conceitos arcaicos, acalmou-me conduzindo até o local da apresentação. Esperou o fim da performance montado de *drag* e retornou para caso comigo feliz por ver que o seu filho acabara de ganhar dinheiro depois de tudo o maremoto de incertezas que pairavam sobre a minha vida naqueles momentos.

Todos esses acontecimentos foram sem dúvida um grande desafio para mim, resgatar um artista que eu não tenho memórias tão claras que existiu, afirmar que é que nasceu um novo artista disposto a tentar e tentar, errar e tentar acertar, um homem artista

que era muito católico, depois virou ou ateu e hoje acredita na espiritualidade e na arte como fonte certeira de seus acertos.

4. CARTA PARA A MINHA FAMÍLIA

Minha vida deu uma grande guinada desde o momento em que decidi me tornar um artista, enfrentei muitas barreiras e preconceitos, fugi de casa aos 16 anos porque estava apaixonado pelo teatro e por um grande artista chamado Marcos Pinto (em memória). O Marquinhos, era um grande pesquisador de teatro, começamos a fazer teatro juntos no espetáculo da Cia Rataplan “Os Gatos do Beco” de Alvarito Mendes Filho e com direção de Isaú Firmino, no ano de 1998. A peça foi um grande sucesso entre as crianças e os adolescentes, pois contava a história de quatro gatos que moravam num beco chamado *Liverpool*, era um espetáculo em homenagem aos *Beatles*. O Marcos continuou sua carreira, chegando a morar em Portugal.

Foi por indicação dele que conheci a Rataplan Animações e Fantasias e o Isaú Firmino diretor da empresa e da companhia. O Marcos e eu fizemos alguns trabalhos artísticos juntos, descobri o mundo artístico com ele. Infelizmente o Marcos foi brutalmente assassinado no ano de 2018 no mesmo prédio de um amigo. Lembro do telefonema contando o episódio trágico em que o Marcos estava putrefando dentro do apartamento que ficava no mesmo condomínio, bem vizinho ao desse meu amigo.

Essa notícia deixou-me bastante afetado. Entrei em um processo de recolhimento maior, afinal, além de ser um grande amigo, um grande amor, estava em processo de pós acidente, meu cérebro recebeu essa notícia de forma muito agressiva. Foram momentos bastantes difíceis não apenas para mim, mas para meus pais que tinham de enfrentar junto a mim essa nova forma de ser e estar o mundo. A sensação que tinha era de tudo ser “novo de novo”, comecei a criar novos diagnósticos para meus amigos e conhecidos, mesmo as pessoas que já conhecia, precisava conhecê-las novamente e tentar a todo momento retomar os momentos vividos.

Antes do acidente, eu nunca tive apoio de minha família para fazer teatro. Ainda adolescente, meu pai conseguiu um emprego para mim durante o dia e a noite eu cursava uma escola particular onde o valor da mensalidade era bem inferior para os alunos que

exerciam alguma atividade de trabalho extraclasse. Comecei a trabalhar e fui seduzido pela “independência” financeira. Mas isso tinha um alto preço, eu me afastaria do teatro, o maior desejo de meu pai.

Comecei trabalhando com ele em um escritório a “Carden Comércio e Representações LTDA” de representações e comerciais de papelaria, órgão que ele sempre foi uma referência no estado da Paraíba. Iria apenas atender telefonemas. Estava empolgado, mas por ser meu pai, ainda sofria retaliações por minhas ações. Acabei saindo e trabalhei como digitador em uma empresa de informática, digitação e xerox. Usávamos ainda o MS-DOS e os disquetes para armazenamento de arquivos, era a chegada da informática no Brasil e é claro que essa não poderia perder. Havia feito um curso antigo de datilografia quando meu pai conseguiu adquirir um computador.

Minha avó paterna Maria Madalena (em memória) além de ser a minha defensora, minha cuidadora, minha segunda mãe, era também uma mulher à frente de seu tempo. Curiosa e descobridora, pagamos juntos um curso de informática no centro da cidade de João Pessoa, próximo a catedral. Eu estudei informática com a minha avó de mais 70 anos, em uma turma composta apenas por jovens. Ela comprou um computador e se tornou a aluna mais aplicada da turma. Voinha Lena, era assim que a chamava, tinha um espírito jovem e descobridor, ela era assistente social, trabalhou um tempo na Sucam-PB. Foi minha avó quem me criou e que me guiou quando entrei no mundo artístico no ano de 1996. Foi ela que devolveu minha autoestima quando assumi minha sexualidade para a família e quando resolvi ser artista.

Vovô Padrinho, meu bisavô, escrevia poesias na máquina de datilografia e sempre lia para minha bisavó como declaração de amor e fé. Ele publicou um livro em 1986 chamado “Meu Riacho Verde Abençoado -Tempos de Fé e Paixão em terras da Paraíba” pela editora Vozes - Petrópolis/RJ. Tive também um tio poeta e romancista chamado Estanislau Fragoso Batista (em memória), além de ser sargento da aeronáutica, foi contra a ditadura militar ficando como preso político, encarcerado durante nove meses entre a base aérea de Santa Cruz no RJ, no navio Princesa Leopoldina, Ilha das Flores no Rio de Janeiro e depois de volta à base aérea de Santa Cruz onde, somente por intermédio de meu tio José Fragoso, que conseguiu sua soltura. Foi por causa desses

contos, das poesias de meu tio e dos causos e histórias de minhas famílias, que descobri o meu lado artístico.

Fazendo um paralelo das histórias familiares, pude perceber claramente que minha veia artística é familiar, e que as descobertas artísticas em minha adolescência, foram uma espécie de resgate artístico instintivo. Minha fuga de casa aos 16 anos foi um grito por uma independência e foi neste momento que assumi que era um jovem artista em busca de mais. Insisti cada vez mais descobrindo o teatro em cada canto vago, na escola, nos encontros de família, nas performances nas ruas, performances para os amigos, para plateias distintas e até para mim mesmo.

Já era o terceiro dia que havia fugido de casa e meus pais estavam desesperados, tinham colocado até a polícia atrás de mim. Eu liguei para casa, discuti mais uma vez com meu pai por telefone. Foi quando minha mãe pegou o aparelho e pediu para eu voltar. Concordei contanto que meu pai prometesse nunca mais brigar comigo nem impedir-me de estudar e fazer teatro. A partir deste dia, decidi que seria um artista de teatro e nada poderia me impedir de realizar esse sonho.

Recordo que estava em meu princípio da recuperação em minha pós-amnésia, ainda tentando reestabelecer contatos antigos através de telefonemas, e-mails, ou postagens no *facebook* quando me deparei com uma dedicatória do artista Emiliano Queiroz. Ali soube que tive a chance de homenageá-lo no Festival Cineport no ano de 2009, interpretando a música “Geny e o Zepelim” em parceria com o amigo cantor e compositor Amandí Cortez no lançamento de sua biografia “Emiliano Queiroz na sobremesa da vida” de autoria de Maria Letícia. Assim ele descreveu minha performance quando dedicou o livro a mim: “Netto Ribeiro, que belo artista é você. Ontem você me encantou com a Geny, hoje em homenagem a Vladimir Carvalho. O Brasil precisa conhecer você. Um beijo carinhoso do velho ator Emiliano Queiroz. JP --2009 - e eu Maria Letícia” (QUEIROZ, 2006, s/p). Esse livro é para mim como um verdadeiro tesouro. Quando estava bem no início de minha recuperação. Acabei conversando via *facebook* com o Emiliano, falando o que houve comigo e que não sabia quem eu era exatamente quando ele falou para eu não me preocupar com isso, que não importava se eu era um ator, ou diretor ou produtor, porque eu era um artista. Esse pequeno texto soou para mim como um energético vital e me deu ânimo para me recolocar no mundo.

O curioso de tudo, é que foi justamente a minha façanha em conseguir passar no vestibular e a minha entrada na graduação em teatro e meu processo dentro da faculdade que consegui resgatar minha autoestima. Minha conexão com o teatro fez com que eu me move-se, saísse do lugar, fosse às ruas, aos antigos contatos de trabalho, fez com que eu saísse do lugar e não me acomodasse mais dentro de casa. Fiquei com um desejo imenso de conhecer esse meu novo mundo plantado nas minhas memórias de um antigo mundo, e tudo isso aconteceu única e exclusivamente por conta do Teatro em minha vida. Quanto mais meus pais proibiam, mais eu insistia em conhecer o universo artístico e é justamente esse novo teatro que me salva, que me resgata.

Agora, depois do acidente, por uma decisão tomada por mim impulsivamente e à revelia de minha família, resolvi que iria fazer as provas de vestibular para o curso de bacharelado em teatro da UFPB. Não havia cursado o segundo grau completo, então me inscrevi em um provão de supletivo para conclusão do ensino médio, passei e comecei um novo ciclo, de antemão curto, pois não conseguia lidar com a nova turma nem com os professores. Tranquei o curso, mas retomei em 2014 e agora estou defendendo meu trabalho de conclusão de curso de bacharelado em teatro.

Com todos esses meus problemas de reestruturação mental e social que descubro esse novo teatro que me resgata do ostracismo e do comodismo, da reclusão e da depressão que a minha situação de saúde mental e insegurança havia me posto. Porém, quero deixar bem claro que essa análise de minhas emoções só pôde ser feita após um longo processo de maturação mental e social, a base de medicamentos e de negações de minhas escolhas de vida. A pesquisas que fiz relativas à memória me puseram de frente com grandes pesquisadores das áreas das artes, da psicologia e da neurociência. Dentre elas, o professor Pedro Calabrez, pesquisador do laboratório de neurociência clínicas da Unifesp e diretor da Neurovox, que afirma que tudo que existe é nossa identidade e memória (CALABREZ, 2016). O desejo de sair de meu quarto, de sair para o mundo e gritar “estou vivo” e continuar pensando, criando, me readaptando e provar que estou vivo, tornou-se minha grande missão. Esse processo foi e ainda é bastante complicado, pois via da regra, tenho que lidar com pequenos déficits cognitivos de atenção e de memória que ficaram como sequelas do acidente.

Desde minha adolescência que busquei trabalhar e gerir minha vida financeira, afinal, a dependência de meus pais estava se tornando algo bastante incômodo. Tirei minha carteira de trabalho desde cedo, nunca tive essa carteira assinada, a não ser com uma empresa de representação de papelaria que meu pai geria, mas isso durou pouco tempo já que o escritório não estava dando lucros suficientes. O estado de independência emocional que o salário mensal estava me proporcionando, trouxe novos ares de negócios no campo das artes. O grande sonho de meu pai era que eu me transformasse em um empresário, que o dinheiro nunca fosse problema para mim. Infelizmente ou felizmente, esse desejo não foi realizado e me tornei um artista de teatro. Desde o momento que conscientizei-me sobre o que havia acontecido comigo, sobre os danos cerebrais que a minha mente havia sido exposta desde o impacto do acidente, que tenho uma nova perspectiva do mundo.

Foi o teatro o responsável pela minha volta ao mundo social. Foi o curso de bacharelado em teatro que abriu novas perspectivas para ver e estar no mundo novamente. As performances no teatro, nas animações de festas infantis, nos telegramas animados e outras ações culturais me recolocaram no mundo que eu já havia pertencido. Foi assustador tomar consciência que minha trajetória artística já se estendia por 23 anos, e mais difícil ainda, tentar recobrar a memória emotiva de todas as minhas personagens. Tentei trabalhar em outros lugares no decorrer desses anos, mas minha euforia exacerbada e minha insegurança nas decisões, excluíam-me dos grupos empresariais ou de outros trabalhos. Era preciso refazer tudo novamente, e foi justamente através do teatro e de meus estudos dentro da universidade que me recoloquei no mundo, agora de forma muito mais consciente, mais apurada e didática.

Meu pai e irmão são músicos, creio que seja daí minha herança cultural. E mesmo sendo da área artística, eu enfrentei muitas barreiras para conseguir assumir meu eu artista. Quando estreei minha primeira peça de teatro, meu pai insistiu em levar-me para casa após a apresentação apenas por estar irritado comigo. Eu neguei, e a partir daí começou a nascer um fruto amargo da discórdia familiar. Quanto mais ele se negava a me aceitar enquanto artista, mas eu adquirir desejos de liberdade. Foi um processo muito doloroso, não apenas para mim, mas para minha mãe que sempre esteve ao meu lado, que foi minha cúmplice em tudo.

Creio que por conta de sua criação paterna, meu pai não conseguia acreditar que ser um artista, e ainda mais de teatro, seria uma forma de vencer na vida com segurança, que o teatro não dava dinheiro para ninguém, e que para o futuro esse não era um bom caminho, que o teatro era um ambiente depravado, onde existiam muitos gays, um ambiente de drogas, enfim, de alguma forma eles tinham certa razão, somente quem esteve no teatro desde cedo, sabia que o mundo do show business tinha um alto preço a ser pago. Eles tinham certa razão, confesso, se eu não estivesse nesse ambiente, possivelmente o acidente não teria acontecido e teria me tornado um homem frustrado e infeliz. O acidente aconteceu sim, estava muito cansado depois de um dia todo de trabalho com fantasias e maquiagens, tinha me drogado e foi justamente o teatro que me trouxe uma nova forma de enxergar o mundo. Meus pais tinham os motivos dele para agirem daquela forma. E depois do acidente, justamente aquilo que eles negavam existir em mim, que eles passam a desejar após o acidente foi minha válvula de escape para a felicidade de existir em mim.

Eles tinham os motivos para não crerem que a arte seria uma saída para muitas coisas, inclusive para minha cura. Acredito que nos dias de hoje, por mais que tivessem seus motivos, eles não implicam mais comigo porque foi justamente o que eles negavam tanto, que passam a desejar. Meus pais, hoje em dia, não implicam mais, porque sabem que é desse lugar que eu consigo sair dos problemas do acidente, do ostracismo e dos problemas psíquicos gerados pelo acidente. Eu poderia estar deprimido em casa após esse acidente, me colocando afastado do mundo, com medo de tudo e de todos. Mas foi o teatro que me recolocou na sociedade, com o teatro eu fui para o mundo e foi a arte teatral que me reestruturou enquanto ser humano vivo e ativo. Agora, meus pais aceitam que o teatro é um ambiente ótimo, que é bom sim eu ser gay, porque eles viram que é o teatro que me ajuda a lidar com as minhas dores, que o teatro que me move e não há como ser contra isso.

A partir do momento em que decidi me tornar um artista de teatro, fui adotado por uma outra família, a artística que é bem diversa. Estão vindo em minha memória, muitas imagens do passado, muitas memórias emotivas, como acreditava existir o Stanislawski na construção das personagens pelo ator. São tantas e em tão grande escala, que

precisei estar sempre em mãos com um pequeno caderno de anotações onde pudesse pontear essa avalanche de novas e antigas memórias.

O meu neurologista, Dr. Maurus, disse que eu deveria ter em mãos um pequeno caderno de anotações, onde anotasse tudo e depois revise o que estava escrito. Eu fiz isso, e foi surpreendente no início, depois pela minha falta de organização, acabei perdendo muitas anotações ou não encontravam uma lógica clara para determinados pensamentos. Sempre me droguei, fumei maconha, cheirei cocaína, cheguei até a fumar pedra de crack, mas isso não pelo teatro, e sim, pela rebeldia que existia em mim antes do acidente. Sempre trabalhei e ganhei dinheiro, bastante dinheiro, porém, gastava mais do que ganhava e mesmo que eu não precisasse de um determinado objeto, eu tinha de adquiri-lo. Chegava ao ponto de bancar a bebida de todo mundo, apenas para ter status social. Havia feito um trabalho de produção que rendeu uma boa grana, porém, gastei tudo que tinha comprado minha antiga moto, que seria minha independência, e até foi, mas como não tinha carteira de piloto de moto, saía nas ruas sem a documentação e por vezes sem o capacete, é claro que o destino não poderia ser outro a não ser esse que estou descrevendo nesta monografia.

O teatro me jogou de volta para mundo e só tenho que agradecer a enorme paciência das pessoas que conviveram e convivem comigo nessas duas fases. A paciência de meus pais em tolerar-me, mesmo com minha rebeldia, eu preciso agradecer a minha família pela enorme paciência comigo, pela tolerância e extremo amor que eles têm por mim.

5. CARTA PARA MINHA FAMÍLIA ARTÍSTICA

Essa quarta carta, gostaria de escrever também para minhas personagens que me toleram desde sempre. Eu fui *drag queen* e continuo sendo até hoje. Eu construí várias personagens para espetáculos e performances e é também para essas personagens que escrevo esta carta. Foi graças a esse acidente que pude revisitar minhas antigas memórias cênicas. O acidente fez com que eu me interessasse por mim mesmo, pelo meu passado atravessado de teatro.

O Isaú Firmino, meu diretor e formador o meu teatro, mesmo com toda sua objetividade, que às vezes soava como impaciência, foi a pessoa que me deu a chance de estar no mundo teatral de novo. Ia me pegar em casa algumas vezes, me colocou para trabalhar na empresa de fantasias, orientou-me calmamente que minha única função seria atender os telefonemas e passar a ligação para outros atendentes. Foi mais uma tentativa frustrada, pois sentia a certeza que sabia como lidar com a clientela, como sempre fiz.

Criei confusões com os outros funcionários, pois na minha memória, era como se esse acidente nunca tivesse acontecido e que eu dominava tranquilamente essa simples função, que era passar apenas a ligação. Não adiantava, a lembrança que vinha era de meu outro eu antes do acidente. O Isaú tem formação em administração e claro que isso influenciou muito para o comprometimento da cia daqui na cidade de João Pessoa. Os outros atendentes da Rataplan não conseguiam lidar comigo e pra resgatar a confiança de contratantes foi um processo muito difícil, até hoje ainda é complicado. Eu imitava o jeito do Isaú em tudo, na forma de falar, de agir, de rir, de reclamar, de fechar negócios, de interpretar. Fui perdendo meu sotaque paraibano por um sotaque carioca ou capixaba, pois achava ser mais bem aceito.

As agências de publicidade era um campo bem comum para mim, pois sempre fui garoto propagando de uma empresa, há mais de 20 anos no mercado. Seduzia pessoas para me sentir superior, uma espécie de venda de meu próprio corpo. Hoje eu prefiro dizer que não compreendo determinado assunto, para não haver conflito. Ficava o tempo inteiro criando máscaras, sonhava em ser a Marilyn Monroe, atriz que sempre fui fã, a ponto de fazer um pedido de uma montagem e algum espetáculo de teatro, para

o professor Everaldo Vasconcelos tendo a Marilyn como tema central. E baseado na obra “Os Filhos de Kennedy” de Robert Patrick, montamos o espetáculo “Marilyn”, um musical gay arrebatador que tinha em cena mais uma vez o amigo Vladimir Santiago, um espetáculo musical que passou por vários atores, até o Vladimir aceitar a ideia e juntos montarmos o primeiro musical gay da história da Paraíba. Eu criava máscaras para lidar com o público, queria ser um ator global ou de *hollywood*.

Conheci a atriz Mayana Neiva em uma festa na antiga boate Acrópolis Dancing Bar na praia de Tambaú em João Pessoa. Ela por ser muito bonita, parecia na época com a atriz Ana Paula Arósio em um comercial da operadora “21”. Fiquei encantado por sua beleza e talento, tornei-me amigo dela e de sua família, creio que me tornei amigo porque via na Mayanna uma atriz pronta para atuar no teatro paraibano. Na época, ela estava terminando faculdade de do curso de direito, mas havia atuado também fora do país. Da mesma forma que fiz com a Suzy Lopes, preparando-a para a leitura do espetáculo “Chapeuzinho Amarelou” da Cia Rataplan, também, munido do texto, preparei a Mayana para a leitura da peça “*Hello, Boy*” do Roberto Gil Camargo, onde uma professora de inglês de 45 anos se apaixonava perdidamente pelo seu aluno Victor de 17 anos. Uma história de amor que com um final surpreendente, quando saiam para a lua de mel, acabam sofrendo um acidente de moto.

Esse foi o primeiro espetáculo que havia feito para o público adolescente. Uma semana antes da estreia, o diretor, Isaú Firmino, nos surpreendeu avisando que a peça não teria cenografia alguma, e usamos os gestos e as onomatopeias para o diálogo com a plateia, e um dia antes da estreia, falou para mim e para a Mayana que quando acontecesse o acidente, nos dirigirmos para o *hall* do teatro onde estava armado um velório e teríamos que entrar nos caixões e a plateia recebia um santinho como lembrança do espetáculo.

Mais uma vez, o teatro da cia Rataplan me fez brilhar em outras esferas. Queria ser conhecido nacional e internacionalmente a qualquer custo, e depois do acidente, comecei a olhar para esses “desejos” como algo vazio, e talvez por essa sensação de solidão, o uso de tanta droga. Queria ser um *mega star* para que? Sou um bom ator, quero viver grandes personagens e minha vida hoje após esse acidente tem mais sentido, porque quero me comunicar com as outras histórias. Foi o teatro que me devolveu a vida,

a vida social, que me devolveu a vontade de aprender, que me devolveu a vontade de melhorar, que me devolveu a vontade de aprender e entender o que aconteceu comigo de compreensão da vida.

O meu processo de pós acidente foi bastante doloroso para as minhas famílias, a família genética e os irmãos de alma que construí nesse ciclo de vida artística. Minha mãe sempre falou que na vida, nós temos apenas “conhecidos”, porque amigos de verdade somente a família. No princípio não concordava com essa teoria e afirmava sensatamente que eu tinha sim grandes “amigos” e que poderia contar com eles a hora que eu precisasse.

Felizmente, não é bem assim que as coisa são, como disse para mim uma certa vez, no ano de 2014, um grande cineasta chamado Luís Carlos Lacerda, o Bigode, quando falávamos sobre a minha dificuldade em me reinserir no mundo artístico novamente e de como me sentia confuso com o e novamente, “uma coisa é uma coisa, agora outra coisa é outra coisa”, pode parecer piegas mas ele estava coberto de razão. Confiava em muitas pessoas e contava minha vida de cabo a rabo mesmo sem ter tanta intimidade com o meu interlocutor. A impressão que eu tenho era de que eu acreditava ser uma pessoa que na verdade, não existia, a não ser dentro de minha própria mente criativa.

Com essa seletiva que a vida me impôs, pude sentir e viver a vida de outra maneira, ver o mundo por um outro aspecto. Essas mudanças, afastaram de meu convívio alguns clientes, amigos e até mesmo parceiros de teatro. Foi um momento muito doloroso para mim, as incertezas estavam plantadas em muitas de minhas palavras eram tidas como incertas, sem propriedade nas afirmações, as minhas atitudes sempre soavam como inseguras.

Recordo que bem no princípio, o meu olhar era vago, ficava olhando a janela em absoluto silêncio por horas. Assistia programas de televisão repetidamente, a sensação que eu tinha era de que os programas de TV supriam toda minha solidão. Esse tempo passou e fui aos poucos revendo algumas pessoas, reencontrei alguns amigos nessa minha nova etapa de vida. Alguns amigos permaneceram ao meu lado, mesmo eu ainda os tratando de forma “esquisita”. A paciência e o amor a mim se tornaram raros mas, presentes.

Eu devo minha recuperação social aos meus médicos, à minha família e especialmente à minha família teatral, em especial ao meu amigo e também meu mais novo diretor de teatro e guia para minha nova vida artística, o Vladimir Santiago, o Vladimir esteve sempre presente em minha vida, até porque somos amigos desde a infância. Quando voltei de meu estado de pós amnésia, a receptividade das pessoas não foi tão “saborosa”, enfrentei muitos preconceitos, e ainda enfrento, de pessoas próximas a mim. Mas essa vida realmente dá muitas voltas, e nessas andanças eu reencontrei esse meu amigo artista que além de ser meu amigo de infância, ele acompanhou todo o meu processo de pós acidente e minha entrada na faculdade, me ajudou na minha retomada dos negócios, em acreditar em meu potencial e ir em frente com meu teatro.

O Vladimir, além ser um artista de teatro, já tinha tido duas formações acadêmicas, em pedagogia e em enfermagem. E devido ao encaminhamento médico que estava inserido, a sua visão sobre o meu estado psicofísico era bastante pertinente e compreensivo, já que minhas atitudes eram/são vistas pelas outras pessoas como um convalescente psíquico, deixando minha autoestima bastante baixa e comprometida.

Ele tinha uma outra ótica mais clínica de meu estado, por ter acompanhado todo o meu processo desde a internação. Vladimir começou a perceber em mim um novo processo de aprendizado e compreensão. O resgate de minha memória foi bastante difícil para mim. O Vladimir via-me sofrendo muito com essas rejeições dos colegas de classe que não me compreendiam, poucos na verdade. Foram muitos os desafios e obstáculos que tive de enfrentar para ter de volta minha autoconfiança.

A minha reconexão ao Vladimir foi a chave de entrada de volta ao mundo artístico. Dessa reconexão veio também a necessidade de ganhar dinheiro com nosso ofício. Formamos um grupo de teatro para tentar ganhar dinheiro montando espetáculos. O Vladimir se contatou mais três amigos do curso de teatro, o Hugo Ribeiro, o Joelson Pereira Topete e a Livya Meneses para juntos montarmos um espetáculo. Ele se reuniu com o restante do grupo para que explicar minha situação. Disse que eu estava passando por um processo de recuperação e que era necessário paciência de todos, pois estava com problemas de memorização das coreografias e do texto. Propôs a adaptação do espetáculo às minhas necessidades, já que não acompanhava o processo com a mesma velocidade de todos os outros.

O tempo passou e o Vladimir me viu conseguindo dar conta do trabalho. Via-me mais tranquilo, mais atento na questão do texto e dos movimentos da coreografia. Isso somente aconteceu, devido ao método de trabalho de Jerzy Grotowski que o Vladimir utilizou em nosso trabalho. A questão da respiração e da atividade corporal em busca das personagens, da voz que vem do universo, que é ritualístico. O Vladimir crê que somos capazes de curar nosso corpo e nossa mente e por isso que o teatro é tão poderoso. A identificação do Vladimir com o Grotowski, Peter Brook e outros pesquisadores foi a chave para a minha nova compreensão do mundo artístico. O processo ritualístico de Grotowski e o treinamento do ator foram as formas para conduzir o trabalho do grupo e o método ao qual precisava me inserir para reencontrar o teatro.

O Vladimir sempre me via como um grande ator, por me conhecer há muito tempo, e desde que começamos a fazer teatro juntos. Quando ele me viu naquele processo de pós acidente e recomposição psicofísica social, se indagou onde estava o meu talento? Ele tinha certeza que não havia se perdido. Acreditava que minha memória recente e passada estava em um processo de recuperação e que eu não havia perdido o talento, ele tinha certeza que eu continuava a ser um grande ator e que contagia bastante o público.

Ele afirma que, depois do acidente, eu melhorei como pessoa. Afirmou que, é não somente ele, mas uma grande parte das pessoas com quem converso sobre o caso, dizem que eu era arrogante, trabalhava com pessoas de alta classe social e por isso me comportava como sendo uma dessas pessoas. Essa forma de ver o mundo tinha se diluído trazendo uma outra reflexão da vida depois do acidente. E é justamente pela dor e através dessa dor que o Vladimir acreditava estar me tornando um outro ser humano, um ser humano artista.

No período de “Estágio Supervisionado” conduzido pelo professor Everaldo Vasconcelos, formamos a Cia de Artes Saltimbancos no ano de 2014. Vivi um início de curso muito difícil, com professores que não sabiam lidar com um aluno que apresentava um déficit cognitivo de memória afetado. Como os nossos horários das aulas eram no período da tarde, o processo de construção do espetáculo do recém-formado grupo Saltimbancos foi bastante complicado. Tínhamos aula à tarde, então para montar o

trabalho, precisávamos chegar pela manhã para ensaiarmos a peça, montar o processo corporal.

O Vladimir assumiu o papel de encenador e trazia o processo respiratório que ele acredita ser fundamental para o artista. A partir desses processos psicomotores e de exaustão, aos poucos, os atores começaram a criar suas personagens, e mesmo com dificuldades, nós íamos chegando no topo dessa construção ainda em processo de alicerce.

Experimentamos montar, na disciplina de Estágio Supervisionado, a peça “Os Saltimbancos” do Chico Buarque, que com as adaptações que fizemos, se transformou-se em “Os Saltimbancos Atrapalhados”. Foi um outro método bastante complicado para mim, em montar um espetáculo de teatro para crianças, onde interpretava uma mulher. A dramaturgia da peça e as músicas do Chico Buarque, levaram a nós, atores da cia, a usarmos esse método do Grotowski de trabalho corporal, de respiração, de sentir a verdade das personagens através também do realismo de Constantin Stanislavski propõe em seu livro “A Preparação do Ator”.

A pesquisa que ele fez dentro de seu grupo, é também o método de trabalho que o nosso grupo assumiu desde de nossa primeira montagem. O Vladimir traz esses métodos de trabalho teatral para dentro do grupo e suas metodologias para a ação cênica. Ele me ensinou que o trabalho respiratório, da tranquilidade, da calma e do ritual trouxeram de volta para mim a arte teatral.

Nós trabalhamos juntos em nosso primeiro espetáculo “Os Saltimbancos Atrapalhados” e agora também usamos esse mesmo método em nossa nova peça “O Gigante Mundo dos Sonhos”, porém, em um processo mais aprofundado do método de Grotowski, um processo mais duro, mais corporal, demais horas de ensaios, de trabalhos de preparação do ator.

O Teatro me trouxe de volta ao mundo, o teatro foi o meio pelo qual consegue reestabelecer a minha memória e me reinserir na sociedade. A ARTE CURA.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas perspectivas e ideologias de vida, mudaram consideravelmente a partir do momento que entrei na universidade. Enquanto artista, o meu horizonte de pesquisas expandiu-se notavelmente, atingindo campos que até então eram vistos apenas enquanto pesquisas para algum trabalho artístico futuro. Desde o momento em que comecei a estudar, mesmo que superficialmente o universo da anatomia e da fisiologia humana na universidade após o meu acidente, pude analisar de forma mais concisa e precisa o ser humano na natureza, o campo da neurociência, partindo de estudos do neurocientista António R. Damásio.

Gostaria de aprofundar-me no campo da neuroanatomia e na psicologia, no intuito de utilizar alguns procedimentos da psique humana nos processos conscientes ou inconscientes de atores para a construção de suas personagens

Fico instigado a investigar e desenvolver práticas da construção de personagens partindo do princípio estabelecido por Constantin Stanislavski relativo a memória emotiva e a prática de Jerzy Grotowski com ações psicofísicas, uma espécie de jogo onde o corpo e a mente estão em ação, pois toda a ação física, é psíquica e espiritual trazendo o corpo enquanto linguagem.

Fazer um resgate de minhas próprias memórias, trajetória artística e demais ações culturais que exerci e exerço na cidade de João Pessoa me fizeram ter uma outra ótica da vida. Esse meu trabalho de conclusão de curso transformou o meu ser humano em um homem mais consciente de minha existência biológica em um mundo tão caótico ao qual vivemos. Trouxe-me para o encontro de minhas verdades, deu-me um prognóstico mais preciso para o controle de meu ego. Me fez mergulhar sem medo ao encontro de minhas verdades, me trouxe um medo sadio e uma segurança concreta.

A vida inteira, tentei encontrar explicações para tudo, deixando que minha vaidade domasse meus instintos e assim, afastava pessoas que queriam apenas minha amizade e nada mais. Quando embarquei no universo da anatomia, fui ao desencontro de minha fé espiritual de formação familiar e isso me fez sentir uma aflição por estar indo na contramão de minha formação cristã familiar, me trouxe um certo desânimo quando cheguei à conclusão que Jesus, Maria e todos os santos e arcanjos não passavam de

fruto da nossa imaginação humana. Adentrar a verdade do mundo, trouxe duras consequências a mim, mas com absoluta certeza, me pôs de frente com a tolerância, com a parcimônia, com a tentativa de controle sobre os meus sentimentos quando sou metralhado pelas minhas emoções analisando as minhas emoções. Assim sendo tenho desejo de fazer o lançamento da “Cia Bum de Teatro-Animação” em território nacional, levando o metateatro e o teatro-musical enquanto pesquisa e prática, além de entretenimento e recreação de festas infantis e adultas que exerço há mais de vinte anos aqui no estado da Paraíba.

7. REFERÊNCIAS

BREUER, J.; FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

BROOK, Peter. **A porta aberta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

DAMÁSIO, Antônio. **A estranha ordem das coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DANTAS, Tiago. **Estado de coma.** [*S. l.*], 2019. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/doencas/estado-coma.htm>. Acesso em: 8 jul. 2019.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SCHÜNKE, Michael et al. **Atlas de anatomia**: cabeça e neuroanatomia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

_____. **A preparação do ator.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ANEXOS

Texto teatral da parte prática do Trabalho de Conclusão de Curso

Eu, NU Teatro

Dramaturgia de Netto Ribeiro

Personagens:

- Eu
- Doutor
- Mãe
- Repórter
- Enfermeiro
- Professor
- Juliana
- Everaldo

CENA 01 – APRESENTAÇÃO

EU - Saudações; chamo-me José Ribeiro de Mendonça Neto; mas meu nome artístico é Netto Ribeiro, com dois “t’s”. Descobri que sou ator, diretor, dramaturgo, maquiador, produtor, pesquisador e performer. Neste ano estou completando 23 anos de teatro. E a história que vou contar hoje; para vocês; é meu trabalho final do curso de bacharelado e licenciatura em teatro pela Universidade Federal da Paraíba 2018.1, intitulado “Eu, NU Teatro”

(O ator vira-se para outra parte da plateia)

CENA 02 – O ACIDENTE

(O ator levanta-se do banco e transforma-se em repórter)

REPÓRTER - (Repórter virado para o entrevistado) – Falamos ao vivo da emergência do hospital de traumas onde foi trazido o ator paraibano Netto Ribeiro depois de sofrer um acidente de moto que o deixou em estado grave. Alí está o Dr responsável pelo caso, Dr., como está o estado de saúde do Netto?

DOUTOR – O paciente está apresentando neste momento, rebaixamento do nível de consciência. Glasgow 08. Foi Realizada intubação orotraqueal, deixando-o dependente de ventilação mecânica invasiva. Foi avaliado pelos serviços de cirurgia geral e neurocirurgia com indicação de tratamento intensivo. Seu diagnóstico foi um Traumatismo Crânio encefálico e uma lesão axonal difusa. Apresenta ausência de lesões intracranianas traumáticas e de fraturas ou desalinhamentos. Em seu tratamento, foi feito um 1° atendimento de urgência, com uma sutura no couro cabeludo, tratamento conservador de TCE, Suporte Neurointensivo.

(SENTA-SE)

EU - Sim; fiquei em estado de coma por 28 dias entre coma normal e induzido. Tinha apenas 5% de chances de sobreviver. Fui transferido de hospital após nove dias de verdadeiro circo dos horrores com pacientes na UTI do Hospital de Traumas que chegavam a todo instante. Fui transferido para outro hospital com menos pacientes; o que foi um alívio para meus pais. Mas isso durou pouco tempo já que, precisava voltar ao primeiro hospital onde havia sido feita a primeira internação para continuação do tratamento

CENA 03 – “MAS É CARNAVAL”

EU – Este dia havia trabalhado exaustivamente produzindo e maquiando foliões para o carnaval. Era o dia bloco mais esperado por mim; As “Virgens de Tambaú”

(CANTA O HINO DO BLOCO “VIRGENS DE TAMBAÚ”) - AÇÃO 1: levanta do banco e começa a cantar a música do bloco e joga confetes. 2:Pega um copo bebe e devolve, vai circulando o banco e cantando. 3: dá um teco - 4 – pega um doce e põe na

boca (joga a peruca) – 5 – pega um cigarro e um copo de bebida – 6 – sobe na moto e dá partida

EU - Bicha, põe meu capacete que eu vou... eu vou nua. KKKKKK

(ACELERA, DÁ ALGUMAS VOLTAS CANTANDO EMBRIAGADO ATÉ COLIDIR)

CENA 05 – “A REVELAÇÃO”

EU – A partir daí não lembro de mais nada. Minha cabeça estava com esta parte direita aberta, mas sendo que a pancada, havia sido mais intensa do lado esquerdo. Estava tudo coberto de muito sangue. Moradores ligaram para a ambulância de resgate; pela intensidade da pancada, o tempo era um fator primordial para eu estar aqui, agora, contando este episódio para vocês. A ambulância de resgate havia feito um atendimento próximo; por isso a agilidade do resgate foi maior. Fui levado para o hospital estadual de trauma. Estava em processo de coma induzido com grande risco de morte. Minha mãe recebeu a ligação do meu amigo que estava como carona, por volta das 03h00min da madrugada.

MÃE – Adriano? O que foi que aconteceu com vocês pelo amor de Deus? Digam-me onde vocês estão? Eu sabia que alguma coisa tinha acontecido... Pelo amor de Deus Adriano, e diga como Netto está e onde ele está? …

EU - Somente após ter a certeza que minha mãe estava melhor, foi que meu pai se dirigiu para o hospital de traumas. (MUDA DE QUADRO E O PAI CHEGA AO QUARTO DO HOSPITAL - PAI) Ao entrar na enfermaria, viu o meu filho primogênito deitado em uma maca nos corredores de um hospital, fantasiado de mulher, completamente ensanguentado, entubado. Em estado de choque, pensou

PAI- “Como é que vou dizer para Socorro que Neto está morto? Como?”.

EU - SÓ QUE NÃO! Por um milagre, eu ressuscitei, após alguns dias, dentre os quase mortos (CANTA TRECHO DA MÚSICA “MARY, MARY” Primeiro com expressões faciais fui recuperando os sentidos aos poucos. (Muda o quadro)

ENFERMEIRO – Venham corram; ele falou! (Mudança para cama da UTI e canta)

MÃE – (SABER DA HISTÓRIA) – Meu filho, fale comigo, Netto meu amor, sua mãe está aqui meu filho, fale comigo

EU - “They tried to make me go to rehab i said, no, no, no”

CENA 06 – “BABY, BABY”

EU – (SENTADO DO CHÃO) Minha mãe dava-me banhos como uma criança, cuidando de mim como se fosse um bebê. Eu não a reconhecia. (MUDA DE QUADRO E VAI PARA A CASA) Eu a agredia verbalmente, a chamava de avó. (COMEÇA A PEGAR AS CHAVES DAS PAREDES) Todas as chaves foram tiradas e os trincos das portas também, para o caso de eu tentar me trancar. (GAVETAS DO ARMÁRIO) Os objetos cortantes como facas, foram escondidos para que eu não cometesse nenhum deslize. (FAZ O SOM DE LÂMINA)

EU – Uma vez; estava saindo do banheiro, (VAI SAINDO DO QUADRO DE CONTADOR E VAI ATÉ A PLATÉIA - PEGA UMA MULHER DO PÚBLICO) quando encontrei minha mãe. “O que você está fazendo aqui? Saia daqui agora! …

MÃE – Não meu filho estou aqui para lhe ajudar…

EU – Saia daqui!!!!!! (COM ÓDIO) –

MÃE – Meu amor, meu filho, eu faço pra você…

EU – Saia daqui agora!!!... (AVANÇA EM CIMA DO PESCOÇO DA MULHER DA PLATEIA) Nesse momento eu voei com as mãos em seu pescoço tentando enforcá-la. Foi preciso meu pai sair do quarto quando escutou a discussão e partir pra cima de mim com força, caso contrário, poderia ter machucado mais minha mãe. Com muita raiva (SAI RODANDO NO QUADRADO DIREITO) desci as escadarias da casa e fui chorar bufando no sofá da sala como um garotinho que havia recebido uma tapinha do pai.

CENA 08 – “SOU GAY, PAI”

EU – Tornei-me o melhor amigo de meu pai (PEGA O PAI PELO OMBRO) confessava tudo para ele só queria saber dele e de mais ninguém. (COMO SE ESTIVESSE CONVERSANDO COM O PAI) Como a vida é surpreendente; em uma dessas conversas com meu pai, ele, em mais uma tentativa de recobrar a minha

memória, resolveu tentar uma jogada de mestre. Nunca fui amigo íntimo de meu pai, por conta de sua criação, ele tinha uma visão um tanto retrógrada sobre liberdade sexual. Na sala de estar, assistindo TV, papai me olha e diz: PAI - Meu filho, você lembra que tem uma namorada e que é completamente apaixonado por ela, não é?

EU – Eu dei uma gargalhada homérica e respondi: “Querido, acorda, eu gosto de pau, eu gosto de homem baby” – Mamãe imediatamente falou:

MÃE - Eu avisei, eu avisei.

CENA 09 – “O MILAGRE DAS PROVAS”

EU - (VOLTA DO CONTADOR) Tentei algumas vezes, antes do acidente, prestar vestibular para o curso de teatro da UFPB, mas nunca passava. Resolvi cursar Publicidade e Propaganda em uma faculdade particular em 2011. Comecei os estudos, cursei até o 2° período, estava fascinado pelo curso, pela faculdade, pelas parcerias, por tudo; e foi justamente nesse período que aconteceu a tragédia. Tranquei o curso e a matrícula. Assisti uma matéria na TV falando sobre o antigo PSS (Processo Seletivo Seriado) que seria minha porta de entrada para a faculdade de teatro; decidi que iria fazer a qualquer custo. Fui aprovado! Festa! A alegria durou pouco tempo, pois não conseguia lhe dar com ninguém; ações desconexas, confusões de ideias e embaralhamento. Meu cérebro estava tentando se reconectar ao mundo não tinha controle sobre minhas ações. Criava confusões e discursos sem fundamentos que intervia na convivência harmônica; enfim, era preciso pausar; ver novamente, reconectar e voltar ao jogo.(SENTAR NO BANCO DO CONTADOR) Tranquei o curso e retomei em 2014 onde reencontrei um amigo de infância; viemos da mesma escola de teatro; o excepcional artista, Vladimir Santiago, que junto a mais quatro amigos, formamos a Cia de Artes Saltimbancos.

CENA 10 – “VOLTA AS AULAS”

EU – E eu voltei a fazer teatro, o recomeço das aulas foi mais ameno, conheci os professores e é claro, a nova turma. Meu temperamento em sala de aula ainda era um tanto, intenso. Tive problemas sérios com um dos docentes; ele não conseguia compreender meu estado, mesmo expondo os meus laudos médicos, e explicando minha situação como justificativa para meu comportamento. As explicações eram dadas em sala

e eu não conseguia compreender com tanta exatidão; precisava de um tempo maior de assimilação; afinal, as memórias recentes sofriam uma espécie de travamento.

EU- Professor, com licença, eu tenho uma dúvida aqui sobre…

PROFESSOR: Só um minuto Netto

EU - Passava mais algum tempo e mais uma vez pedia maiores explicações e a resposta era sempre a mesma

PROFESSOR: Agora não Netto, um minuto

EU - Chamei tanto a sua atenção, que ele parou, olhou para mim completamente irritado e falou

PROFESSOR - Pode vir agora Netto, o que você quer?

EU - A sala continuou a atividade, me dirigi ao birô, abri o livro e comecei a explanar o que estava acontecendo, sobre meu não entendimento, sobre o excesso de informações. Calmamente, em pé ao seu lado do birô, retruquei

EU: Professor eu compreendi o que o senhor falou até esse ponto, a partir daqui ficou confuso por conta disso, e daquele fator, também gostaria de entender isso e... – Ele olhou para mim com um aspecto de raiva e impaciência comigo e disse baixinho, para que a sala não escutasse

PROFESSOR: Cale a boca (SILENCIOSO)

EU: Não entendi direito, o que você disse?

PROFESSOR: É isso mesmo, cale a boca! (AINDA SILENCIOSO)

EU - (PEGAR O BANCO E LEVANTA-LO NA ALTURA DA CABEÇA) Ahh, nessa hora eu fiquei tomado de raiva, de ódio, pois eu não estava compreendendo aquela agressão. Respirei fundo, voltei para minha cadeira, recolhi meus pertences, me dirigi até a porta de entrada da sala; os colegas que haviam ouvido e visto aquilo olharam para mim e disseram “Calma Netto!” – Sai da sala, mas voltei, olhei para a cara do professor e fui bem direto dando o troco pela sua agressão

EU: “Olha aqui...você é um idiota, completo. Fui!”

EU - Continuei o curso, peguei mais uma cadeira com esse mesmo professor, mas, dessa vez, não iria cair na tolice de entrar novamente nesse jogo. Consegui passar e aprendi que há sim; definitivamente, um tempo para tudo; é preciso apenas de paciência, pois como diz minha mãe, “Calma, tudo tem sua hora”

CENA 11 – Período da UFPB – O PROCESSO PARA UM CORPO E MENTE SÃ

EU – As crises de irritabilidade que eu tinha, eram muito desagradáveis. Às vezes, por não compreender determinado assunto, eu gerava um clima desconfortável para quem estava próximo. Como não havia lógica em minhas afirmações; eu interferia nas aulas, nos trabalhos em grupo por não conseguir acompanhar o processo. A sensação que eu tinha era de já ter escutado aquilo e me sentia conformado por isso um clima desconfortabilíssimo.

CENA 11 - CORPO TEÓRICO

EU - Uma vez na aula de TEORIA DO MOVIMENTO CORPORAL com a professora Candice Didonet “achei” que havia escutado a professora e alguns alunos falando mal de mim:

EU - “Eu escutei muito bem o que vocês estavam falando de mim” -

CANDICE - “Não Netto, você está enganado, eu não falei isso” -

EU - “Eu ouvi, mas tudo bem fiquem a vontade, eu não quero saber mais de nada” (SAI DA SALA) Mesmo depois desse episódio, ela lembra de mim como um aluno muito dedicado, apesar daquele momento ter sido bastante difícil pra mim, ela me via sempre em momento de resgate, de cura para alguma coisa e ela tinha a certeza que o processo havia sido bastante traumático; que se sentia muito feliz em ver que minha memória, apesar das questões psicofísicas, sociais, estavam voltando e produzindo arte, transformando o espaço, curando, participando ativamente de tudo; via-me com olhos fervilhando, buscando o mundo, querendo estar no mundo

CENA 11.1

EU - As disciplinas que exigiam trabalho corporal eram tidas por mim como processo de auto tratamento fisioterápico; havia uma disciplina chamada CORPO E MOVIMENTO II, ministrada pela professora Bárbara Santos, que foi outro momento muito desafiador para mim; durante as atividades em sala, por vezes eu parava, havia medo de concluir a ação física. Durante a disciplina, com os exercícios propostos em sala de

aula, pude adquirir mais autoconfiança, conhecer melhor a minha estrutura física, óssea e muscular, descobrindo meus pontos de apoio e segurança, as rotações ósseas internas. Perdi o medo de me equilibrar, de ficar nas pontas dos pés, e tantas outras, foram sendo substituídas por uma autoconfiança natural.

CENA 12 – O ENCONTRO ANATÔMICO

EU – Encontrei com o professor Everaldo Vasconcelos nos corredores da universidade; contei que não tinha orientador; que havia pedido para várias pessoas e não havia sido contemplado

EU – (JOGO DUPLO DE PERSONAGENS APARECENDO) - “Professor Everaldo, o senhor poderia ser meu orientador? Já pedi para vários professores e não obtive sucesso”

EVERALDO – “Claro Netto. Posso sim. Será muito bom’.

EU – Problema resolvido, estava tudo encaminhado; até passar pela sala de anatomia no prédio do Abacatão da UFPB e receber um pedido:

Juliana – Oi, você pode me ajudar a colocar essa prateleira de livros aqui na parede?

EU – “Claro que sim!” - Comecei a conversar com a professora Juliana sobre algumas coisas; e como sempre, eu falando pelos cotovelos. Em dez minutos já tinha contado toda a minha vida, quando ela falou:

JULIANA – Que forte heim Netto. Olha só, você já leu um livro chamado “O Erro de Descartes”? Sua história lembrou o caso do operário Phineas Cage do começo desse livro do neurocientista António Damásio.

EU – Ou seja, “Solidão que nada” - não estava mais só gente. Curioso sobre o caso consegui adquirir uma cópia deste livro na biblioteca da universidade. Fiquei impressionado como aquele relato se parecia com o meu caso; senti a força das emoções e dos sentimentos. Li quase tudo em apenas um dia. Fui para casa e li do nada, um pedaço do livro para o meu pai na cozinha de casa:

PAI – Netto, como você está escrevendo bem!

EU – Não, pai, isso que falei li aqui neste livro.

PAI- Poxa, parece muito com você.

EU - Fui procurar o professor Everaldo para contar o episódio: “Professor Everaldo, encontrei uma professora da dança chamada Juliana, que me apresentou um livro incrível de um neurocientista chamado Damásio.

EVERALDO – “eu acho que ela deveria ser sua orientadora, Netto”

EU - A partir de então, o meu processo de pesquisa, ficou mais aprofundado no campo da anatomia da neurologia. Por indicação da orientadora, paguei a disciplina de Anatomia e Fisiologia da Dança. Foi quando pude estudar aprofundar-me aos detalhes, conhecer melhor o meu caso; quais foram os vasos de meu cérebro que foram rompidos no momento do impacto do acidente e suas consequências. Finalmente havia encontrado explicações mais precisas, objetivas, científicas e que eu não era um retardado mental. Estava sim em condições psíquicas para concluir a academia, mas com algumas restrições.

CENA 13 – “EU Nu Teatro”

EU - Redescubro que além de atuar, eu também dirigia e escrevia textos dramatúrgicos; que maquiava e ministrava aulas de maquiagem, que era produtor cultural e produtor de eventos publicitários; que cursei até o segundo período do bacharelado em publicidade e propaganda em uma faculdade particular, que havia atuado em cinema e que era também a hostess e Drag Queen oficial de um festival internacional de cinema, o Cineport; que tenho uma grande amiga cinematográfica detentora de toda cordialidade dignas de pouco neste mundão de deus, foi por causa da generosidade dessa mulher e por iniciativa própria que meus pais conseguiram custear os gastos do hospital, e os primeiros momentos do tratamento; que era palhaço, que fui scouter de moda, que sou recreador de festas infantis e eventos, que minha formação artística começou na Cia Rataplan, a qual me formou enquanto artista e íntegro até os dias de hoje, que sou bom em improvisos, que gosto de escrever poesias, que tenho muitos projetos arquivados e prontos para saírem do papel; redescubro que sou premiado em festivais nacionais de teatro, que sofria de uma quase bipolaridade em meu eu anterior ao acidente, que era extremamente elétrico, que sou multifacetado, que estou em plenas condições psicofísicas para voltar a ser um artista, que estou com nota 8.4 em meu CRE do bacharelado em teatro, que passei por cima de trancos e barrancos para provar por A +

B que estou em plenas faculdades mentais e que agora sou BACHAREL EM TEATRO pela Universidade Federal da Paraíba 2019.1. Que posso falar em alto e bom tom que sou um ARTISTA!

(MÚSICA)

EU - Depois de tantas descobertas, tudo em minha vida mudou da água para o vinho; sou libriano e tenho como símbolo a balança; e é exatamente assim que me sinto; completamente dividido entre a CIÊNCIA que exibe e explica em detalhes as minhas ações e reações humanas; que afirma categoricamente que sou “apenas” mais um ser vivo vertebrado que existe dentre tantos; e a ARTE, que me põe no mundo imaginário e sensitivo de imagético, do incompreensível, do lúdico e da irrealidade.

(Senta-se em uma cadeira de frente para a plateia)

EU - Pronto; missão cumprida fiz tudo que era preciso... Mas e AGORA? Ham? E AGORA?

FIM

09 de junho de 2019